

Curso Livre CONTOS DE TRÊS EM TRÊS

05 de Novembro - 05 de Dezembro de 2018 – 2.^a e 4.^a, 18:00-20:00 – Sala B7

PROGRAMA¹

1. Três contos às avessas [05.11]

Cristina Almeida Ribeiro

Os contos a trabalhar nesta sessão, todos de autores hispano-americanos – “Viagem à semente”, de Alejo Carpentier (1944), “A casa de Astérion”, de Jorge Luis Borges (1949), e “Conto de fadas”, de Alejandro Jodorowsky (2001) –, vêm, de algum modo, baralhar certezas e pôr à prova quem os lê. Contos às avessas, são-no porque, em diálogo com a tradição sobre a qual se constroem mas invertendo ordem temporal, pontos de vista ou papéis, oferecem ao leitor histórias que, podendo mostrar-se mais ou menos desafiantes, se lhe revelam sempre radicalmente novas.

2. Três contos por interposta pessoa [07.11]

Maria Graciete Silva

A construção da personagem é recurso fundamental da arte de contar por interposta pessoa (ente ficcional humano ou não humano), quer se opte pela teatralização do relato, quer pela objectivação parodística do acto de escrita. São disso exemplo os contos em apreço: “A segunda vida” (Machado de Assis, 1884), “O homem que não sabe escrever” (Almada Negreiros, 1921) e “Novas impressões da vida de um gato” (Christa Wolf, 1974).

3. Três contos para recontar [12.11]

Ruth Navas

Os contos intitulados “Mestre Finezas”, de Manuel da Fonseca, “Costureirinha”, de Luísa Costa Gomes, e “O chapeleiro”, de Eduardo Galeano, lembram figuras e vidas marcadas por contextos sociais e históricos de outros tempos. Contudo, cada texto abre caminho para que o leitor recupere as experiências vividas sob a forma de uma lenda ou de um sonho iniciado por “era uma vez”. Neste sentido, o reconto surge como uma proposta aliciante quer para o autor, quer para o leitor.

4. Três contos com bichos dentro [14.11]

Ana Paula Tavares

Os três contos de referência – “Estória da galinha e do ovo”, de Luandino Vieira, “Nós matámos o cão tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, e “Estranhos pássaros de asas abertas”, de Pepetela – convidam à reflexão sobre a arte de contar em diversas instâncias e a partir de vários tópicos: sobrevivências do texto e resistência da língua; a oralidade e a escrita; textos que se devoram, devoram o tempo e multiplicam os sentidos; divisão de saberes e arte de contar.

5. Três contos quixotescos [19.11]

Ângela Fernandes

Desde a sua publicação no início do século XVII, *Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, constituiu-se como fonte de inspiração para muitos e variados exercícios de reescrita, seja tomando as personagens e os episódios mais relevantes do romance, seja glosando algumas das

¹ Na primeira sessão será entregue a cada participante a antologia que reúne todos os textos a estudar ao longo do curso, pressupondo-se daí por diante, em cada sessão, a leitura prévia dos contos que lhe estão associados.

questões metaficcionalis aí tratadas. Para apreciar diferentes olhares sobre o modelo cervantino, serão comentados "A verdade sobre Sancho Pança" (Franz Kafka, 1917), "Pierre Menard, autor do Quixote" (Jorge Luis Borges, 1941) e "Dom Quixote contra Herodes" (Aquilino Ribeiro, 1956).

6. Três contos sobre mães e filhos [21.11]

Maria Isabel Rocheta

Três contos contemporâneos (1978; 2002; 2006) evocam a relação entre mãe e filho, em situações muito diversas. A focalização, o espaço e o tempo, centrados na memória filial em "A tua véspera de Natal", de David Mourão-Ferreira, e "Cartas deitadas", de Teolinda Gersão, e no olhar da mãe em "Um Padre na família", de Colm Tóibín, determinam a construção de narrativas entretidas de lucidez, nostalgia e remorso, num caso, de lucidez e revolta, em outro, e de incondicional dedicação, no terceiro.

7. Três contos fantásticos de além-Reno [26.11]

Fernanda Branco

Estes três contos situam-se, com efeito, para lá do Reno – Alemanha, Polónia e Hungria: Thomas Mann, "O guarda-roupa" (1899); Stefan Grabinski, "Sinais" (1919); Géza Csáth, "O barco azul" (1909) – e têm em comum o apresentarem o cruzamento do fantástico no quotidiano comum, sem que tal levante grande perplexidade às personagens ou ao narrador. Mas, talvez, o quotidiano comum não seja tão comum assim...

8. Três contos sobre *cocottes* [28.11]

Serafina Martins

A *cocotte* é uma personagem emblemática da literatura oitocentista, estando profundamente inscritas na memória cultural Marguerite Gautier e Nana. O fim-de-século continuou a interessar-se por este tipo feminino dando-lhe traços mais indefinidos e complexos e uma versatilidade sobre a qual é interessante reflectir. Os contos "Suze" (1910), de António Patrício, "A inversão sentimental" (1913), de Aquilino Ribeiro, e "A Fada das Pérolas" (1919?), do escritor brasileiro João do Rio vão permitir fazer essa reflexão.

9. Três contos com línguas [03.12]

Marta Pacheco Pinto

Nesta sessão, propõe-se a leitura de contos que oferecem múltiplas possibilidades de discussão de questões metalinguísticas. Tomando por protagonistas profissionais da comunicação – tradutores (ou *línguas*) e escritores –, os contos convidam a reflectir sobre o papel e o poder dos *línguas*, as construções/expectativas sociais a respeito do seu desempenho e os limites da tradução, da ficção e da própria língua. Os contos seleccionados incluem "Com línguas" (2006) de David Gaffney, "Manaus, Bombaim, Palo Alto" (2009) de Milton Hatoum e "Elogio fúnebre" (1924) de Ryūnosuke Akutagawa.

10. Três contos epifânicos [05.12]

Cristina Almeida Ribeiro

Tome-se aqui epifania no sentido da súbita apreensão de uma verdade desconhecida ou longamente ignorada, que irrompe, nítida, gerando um misto de emoções, onde ao prazer da descoberta tanto pode somar-se o encantamento como a decepção. Essa é a experiência que, conduzindo-os por diferentes vias, reservam aos respectivos protagonistas os contos escolhidos para esta sessão: "Catedral" (Raymond Carver, 1983), "Pequeno-almoço no jardim" (Hernán Lara Zavala, 2005) e "Corrie" (Alice Munro, 2010).